

PROJETO FANZINEJA: um projeto de extensão dentro da disciplina EJA no curso de Pedagogia de Campanha/MG

Gazy Andraus¹

INTRODUÇÃO

O processo educacional tem se pautado por inúmeras possibilidades que se complementam, se contrapõem, e, assim, vão sendo configuradas para que as tentativas de um “ideal” pedagógico se concretizem. Mas é um dilema, pois o próprio ser humano é cheio de contradições e contrastes, como bem defende Morin (2000), advertindo também que o homem não é só físico e racional, mas também biológico, psíquico, cultural, social e histórico, lúdico e imaginário, tornando-se totalmente desintegrado na educação devido às atomizações disciplinares. Isso porque a educação formal dada em escolas e universidades segue estatutos, muitas vezes, engessados em relação à integração interdisciplinar (e à esfera artística). Nesse quesito, e por experiência própria, tenho trabalhado a questão da criatividade utilizando-me de uma concepção idealizada em meados do século passado nos EUA e espalhada no Brasil a partir da década de 1960, que são os fanzines – revistas independentes e alternativas de temáticas variadas e de conteúdo artístico e/ou de cunho informativo. Os zines (como também podem ser chamados) portam-se como uma arte interdisciplinar experimental, pois, tais quais revistas manufaturadas de conteúdos diversos, vão desde textos críticos e artigos a expressões

artísticas, como desenhos, poesias e histórias em quadrinhos, em quaisquer temáticas, resultando em um amálgama literário-imagético seu formato de papel igualmente não obedece a regras, podendo se manter no tamanho mais comum de meio-sulfite (A-5) ou outros, desde mui pequeninos a maiores que tabloides, sendo feitos individualmente ou em grupo, de forma independente e sem vínculos de lucros, o que favorece a fraternidade.

É nesse percurso que intento reforçar e ampliar a importância (ainda um tanto desconhecida no âmbito acadêmico e educacional, principalmente universitário) do potencial artístico dos fanzines, suas possibilidades “mutacionais” para as artes e seu plenipotencial criativo-educativo interdisciplinar, que altera o estatuto mental de quem se inicia a elaborá-lo manual e fisicamente. Essa afirmativa se corrobora no documentário de Jardim (2006), “Pro dia nascer feliz”, em que se assiste, por exemplo, ao caso de uma estudante adolescente deprimida e desencantada, que modificou seu pensamento e postura ao partilhar com seus colegas poemas de sua autoria, inseridos na montagem do fanzine coletivo orientado e conduzido pela professora, tendo visto renascer a esperança de encontrar um sentido para sua vida.

O fanzine, assim, precisa ser mais pesquisado conquanto ao seu potencial, não só didático, mas também de restabelecimento criativo e efeito literário-imagético, como se verá a seguir.

1 FANZINE E SEU HISTÓRICO

O termo fanzine² provém do inglês (*fan + magazine* = revista do fã, revista amadora), e é uma revista independente e alternativa que pode ser manufaturada por qualquer um interessado em espriar, de maneira livre, suas ideias e conceitos, bem como suas expressões artísticas. A gênese dos fanzines veio na esteira do desenvolvimento de mídia escrita comunicacional, cujo pressuposto é a difusão e leitura de ideias, com o diferencial de mantê-las livres de cerceamentos editoriais, mas tendo por base em comum as *actas diurnas* romanas, passando pelos menestréis e bardos medievais (que cantavam suas odes e críticas aos reis), e trabalhos de artistas, como William Blake³, do século XVIII, bem

como as cartas lidas e copiadas no Renascimento, graças ao aumento das viagens intercontinentais. Desse modo, encontrando os primórdios dos jornais e depois revistas, por fim, chega-se aos próprios fanzines a partir da década de 1930 e 40 nos EUA, o que culminou nos libelos *punks* e de rock das décadas de 1960 e 70, espalhando-se mais ainda pelo mundo todo (via correios postais). A origem do fanzine *per si* está nos boletins de ficção científica norte-americanos em 1930, tendo seu batismo advindo por Russ Chavenet em 1941, tornando-se uma maneira informal e não oficial de imprimir contos amadores e passar informações (inicialmente feitos por meio de mimeógrafo e atualmente em fotocopiadoras, *off-set* ou impressoras de computador, incluindo-se o fanzine virtual na Internet). Daí por diante, houve uma expansão desses veículos já chamados de pluri-paratópicos que, no artigo “Fanzine: a plurivalência paratópica”, a autora esclarece que “paratopia” seria um lugar não definido, não estabilizado, no âmbito da sociedade:

A noção de paratopia foi introduzida por Maingueneau, 2001a [1993], para tratar da questão problemática que é a pertinência de um escritor ao campo literário e à sociedade. Se, por um lado, o campo literário inscreve-se na sociedade, por outro, é a própria enunciação literária que abala a estabilidade da representação convencional daquilo que se entende por lugar, onde fora e dentro encontram-se delimitados (ZAVAM, 2004).

No Brasil, em 12 de outubro de 1965, na cidade de Piracicaba, Edson Rontani criou o primeiro fanzine brasileiro⁴, chamado “Ficção”, rodado em mimeógrafo, que abordava notícias e críticas sobre os quadrinhos (em especial sobre Alex Raymond, criador de Flash Gordon).

2 A CRIATIVIDADE PLURAL DO FANZINE

A facilidade de reprografia das revistas alternativas, como os fanzines, permite a cada pessoa se tornar autora (ou coautora) e pode quebrar limites, desenvolvendo temas pessoais com formatos os mais variados (também no meio virtual da *web*), expressando seus ideários e gostos particulares, a partir de artigos, histórias em quadrinhos, contos, textos, poesias, posições políticas, apreciações

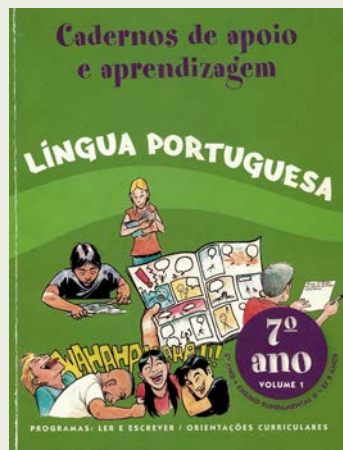
temáticas, experimentações (gráficas e/ou literárias) etc. No “Fanzinato⁵”, o ser humano tem, assim, em suas mãos, um poder de deflagrar imagens e/ou textos, de pesquisar livremente e dispor como quiser suas informações obtidas, elaborando sua própria edição, fora do circuito “oficial” da editoração social, e o professor tem, no fanzine, uma possibilidade multicultural de trabalhar temas e conceitos, inclusive transversalmente. É mister lembrar que o fanzine ainda melhora e amplia o relacionamento humano com o próximo, visto que não visa lucro, mas sim a troca e disseminação de ideias pessoais, autorais e artísticas, sendo um objeto paratópico preñado de informações e/ou imagens, preenchendo a lacuna da editoração que pode nunca ocorrer para a grande maioria⁶. Fazer e/ou ler um zine é uma experiência única: há miríades de formatos, dos minúsculos aos homéricos (FIGURA 1); bem como há constelações de temas, indo da ficção científica à música, à anarquia, à política transgressora, à conscientização, ao biográfico, até às artes com poesias, quadrinhos, cinema e literatura⁷, e vanguardas artísticas, bem como experimentalismos.



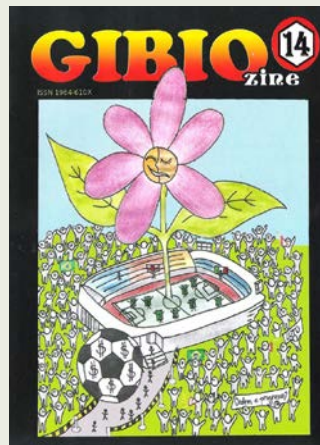
FIGURA 1 – Fanzines de temas e formas variados.
Fonte: do autor.

Assim, fanzines não são só revistas: são revistas que estão em paralelo ao nosso sistema (paratopicamente), alhures e algures, como uma extensão necessária do espírito libertário e criativo do

ser humano, ampliando seu alcance por meio de eventos e feiras, e até a existência de fanzinotecas ou seções de zines em bibliotecas. De modo que têm sido cada vez mais usados na educação, como veremos.



FIGURAS 2 E 3 – Livros teóricos que abordam o fanzine.
Fonte: do autor.



FIGURAS 4 E 5 – Biograficzine e o fanzine acadêmico Gibiozine.
Fonte: do autor.

3 A EDUCAÇÃO-ZINE!

O fanzine começa a ser muito utilizado atualmente no meio acadêmico, onde tem aparecido como objeto teórico e prático em cursos de graduação e pós-graduação, como os que foram ministrados por Elydio dos Santos Neto⁸, que aplicava os quadrinhos e os fanzines para profissionais e mestrandos da Educação e Pedagogia, de forma a ampliar o alcance e a criatividade dos pesquisadores. Ele criou os Biograficzines (SANTOS NETO; ANDRAUS, 2010) (FIGURA 4), como parte de sua didática, em que cada estudante pudesse melhor se conhecer e a seu potencial criativo, muitas vezes bloqueado pelos sistemas que nos engessam (como engessam e limitam as revistas “oficiais” em bancas). Comprova-se um maior uso dos fanzines na educação ao se folhear o livro educacional “Cadernos de Apoio e Aprendizagem de Língua Portuguesa” (FIGURAS 2 E 3), produzido pela Fundação Padre Anchieta, que traz, além dos quadrinhos, os fanzines pela primeira vez num livro didático, como linguagem potencial a ser usada nas escolas do município de São Paulo para alunos da 7ª série, inaugurando essa nova premissa educacional. Há muitos outros exemplos, como a experiência do Gibiozine⁹, projeto idealizado pelo professor Hylío F. Laganá, do curso de licenciatura em Biologia da UFSCAR (campus de Sorocaba). É uma mescla de gibi sobre temas relacionados à Biologia cuja produção é fanzineira, trabalhada por ele dentro de um projeto de pesquisa da universidade, em que os próprios alunos criam as HQ (que podem ou não versar acerca da área de Biologia), envolvendo-os grandemente, já que colaboram na montagem da revista. O Gibiozine é interessante, pois demonstra como os fanzines também entram na universidade e conquistam espaço e alunos, ampliando as possibilidades educacionais. Em Goiás, o prof. de Geografia Carlos de Brito Lacerda, do Colégio Estadual de 1º e 2º graus Pedro Ludovico Teixeira, no município de Senador Canedo, numa empreitada interdisciplinar e com a anuência da gestão daquela escola, promoveu, por dois anos consecutivos, um trabalho com os alunos (e professores), culminando em apresentações e vendas/trocas dos fanzines de seus alunos e mesas-redondas com palestrantes da área, das quais fui um dos convidados a participar, junto com Edgar franco, Gian Danton e Matheus Moura¹⁰. O mesmo o faz Alberto Souza (Beralto), que leciona fanzines com seu PEIBÊ zine¹¹ no IFF-Campus Macaé do Rio de Janeiro, trazendo uma abrangência enriquecedora a seus alunos, dentro do Projeto IFzine, para o qual também colaborou Danielle Barros, que vem trabalhando na educação com fanzines-arte.



FIGURAS 6, 7 E 8 – Aula do Projeto FanzineEJA em andamento, alunos de EJA com o certificado simbólico e finalização do projeto FanzineEJA com os acadêmicos de Pedagogia juntos. Fonte: do autor.

4 O PROJETO FANZINEJA

Recentemente, apliquei o projeto de ensino-extensão FanzinEJA (contração da palavra “fanzine” + “EJA”), desenvolvido como laboratório para discentes do 5º período da disciplina de EJA (Educação de Jovens e Adultos) do curso de Pedagogia da Unidade de Campanha da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), para alunos da EJA na Escola Don Othon Motta em Campanha. Consistiu numa oficina, com base em duas modalidades do tripé da universidade: extensão e ensino, e teve a anuência da coordenadora do curso da EJA, prof.^a Dra. Carla M. N. de Carvalho, bem como o diretor Claudinei e a professora escolar de EJA, Adriana Reis, ambos da referida escola, e que solicitamente aceitaram a empreitada. A oficina foi oferecida em 5 módulos/aula e tratou-se de trazer, aos alunos da EJA fundamental do ciclo 1, uma possibilidade diferente ao auxílio na alfabetização icônica e imagética, ao criarem, cada um, um fanzine. Facilitou-se, assim, que se percebessem como indivíduos que podem ser criativos e valorizando a si mesmos, ao mesmo tempo em que apreendiam conceitos básicos da imagem (e/ou do textual básico). Ativemo-nos a que fizessem apenas um exemplar original, mas isso não os limitou, sendo que um ou dois alunos foram além, fazendo uma cópia, ao menos, de seu fanzine, enquanto que outro se permitiu até a presentear-me com seus fanzines originais (já que, empolgado, elaborou dois zines distintos). Por fim, na confraternização, receberam simbolicamente um “CertificadoZine” (FIGURA 7), dentro de uma dinâmica criada pelas alunas e alunos do

curso de Pedagogia da UEMG para estimulá-los a continuarem os estudos da EJA. Tal realização fez lembrar que existem muitos trabalhos de conclusão de cursos, defesas de mestrado e doutorados que trazem, em suas pesquisas, o fanzine como ferramenta interdisciplinar, e até pós-doutorados, como o do excelente professor-educador Elydio dos Santos Neto (*in memoriam*), que pesquisou as HQs poético-filosóficas do Brasil e que usava os fanzines em sua didática pedagógica, tendo criado o Biograficzine (que também foi mencionado na aplicação do projeto FanzinEJA para os alunos).

Ofereceu-se, assim, como objetivo, uma experiência teórico-prática e de ensino-extensão aos alunos do 5º período do curso de licenciatura de Pedagogia da UEMG, ao lecionarem, como um laboratório, para alunos da EJA fundamental I, aplicando o fanzine de forma interdisciplinar com enfoque na alfabetização textual básica e icônica (imagética). Nesse projeto, lidaram com ensino de letras, sílabas, textos básicos, e, principalmente, aliados à imagem, para o reconhecimento, compreensão, interpretação e produção das diferentes expressões possíveis aos estudantes da EJA, como desenhos, palavras, imagens fotográficas etc. Isso sob uma temática livre, mas emprestando de Paulo Freire a premissa de que se partisse dos próprios anseios dos adultos escolares da EJA. Como parte desse processo experimental, os acadêmicos do 5º período angariaram as respostas dos alunos, auxiliando-os na feitura dos seus fanzines, no caso, individuais. Ao mesmo tempo, alguns dos acadêmicos da UEMG, já tendo vivido a experiência de elaborar um fanzine na disciplina “Arte, Pluralidade Cultural e Educação” (que foi por mim lecionada quando eles estavam no 4º período), sentiram-se à vontade para, igualmente, elaborarem um fanzine, acompanhando a euforia do processo criativo que se alastrava a cada aula, na sala de EJA.

5 METODOLOGIA APLICADA

Antes de os alunos da UEMG iniciarem o projeto, eu me locomovi à escola, conversei com a direção e com a professora Adriana Reis, e esta me alertou que eu viesse num próximo dia aleatoriamente para me apresentar aos alunos da EJA, pois, segundo ela, em geral, eles ficam acabrunhados quando há pessoas que não conhecem em sala de aula. Assim o fiz, e, após uma rápida explanação sobre minha

pessoa e currículo, expliquei-lhes basicamente o que são fanzines e que meus alunos do curso de Pedagogia, como estão se preparando para, futuramente, lecionar tanto às crianças como aos jovens e adultos da EJA, teriam uma grande chance se pudessem, junto de minha orientação e da professora deles, aplicar este trabalho à turma, que também só ganharia com isso.

Aceitaram, e, a partir da semana seguinte, conduzi os discentes à escola, tendo tido o cuidado de trocar a sequência de minhas duas aulas na faculdade (que seriam, pela ordem, a terceira e quarta), com as de outro professor, que aceitou de bom grado. Isto porque as aulas de EJA na Escola Dom Othon eram dadas a partir das 19h00 às 21h00, e se coadunariam com as primeiras aulas noturnas da UEMG Campanha.

O projeto consistiu em 5 aulas, no todo, perfazendo uma carga horária de 10h, com grupos de alunos de Pedagogia revezando-se a cada aula: enquanto um grupo aplicava o fanzine na sala de EJA, os outros se mantinham em outra sala, preparando material, discutindo e analisando o que vinha sendo elaborado e montando as aulas seguintes¹². Isso é para que os alunos da EJA não fossem incomodados, no início, com um número alto de alunos de Pedagogia, ao mesmo tempo em que todos participassem do projeto, dentro da disciplina da EJA do curso de Pedagogia da UEMG.

A partir da primeira semana, elencado o grupo de Pedagogia que abriria a oficina, este iniciou com uma apresentação de *PowerPoint* e vídeo com a definição e conceito de fanzines (apreendidos em minhas aulas anteriores e revisados por mim), e, no mesmo dia, iniciaram a experiência de incentivar os alunos de EJA da escola a começarem a pensar os temas dos seus fanzines¹³. Também, mostraram material físico, como zines, material de desenho e de recorte e colagem. Nas aulas seguintes, deram-se a elaboração e finalização dos zines pelos estudantes de EJA, sob a condução dos discentes de Pedagogia, eu e a professora Adriana Reis, que entendeu a proposta e auxiliou, mantendo sua didática alfabetizadora.

5.1 Conteúdo programático

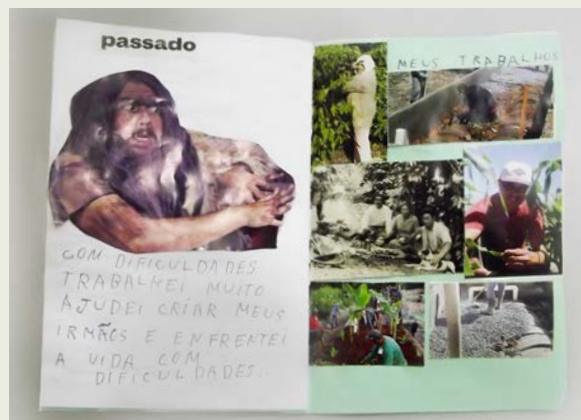
Data	Grupo	Unidade
26/9/17	1º	Apresentação aos alunos da EJA: o que são os/as fanzines; conceituação e amostragem de material – fanzines –, suas temáticas e versatilidades;
16/10/17	2º	Aplicação inicial com os alunos, para que criassem elementos expressivos imagéticos/textuais de temática livre (ou autobiográfica – a definir, dependendo da demanda dos próprios alunos da EJA), com desenhos e/ou recortes de revistas, que serviriam para a elaboração dos fanzines;
23/10/17	3º	Desenvolvimento do que se iniciou no item 2, e início da montagem dos fanzines;
30/10/17	4ª	Finalização da prática;
06/11/17	5ª	Confraternização, recebimento dos certificados e exposição de todos os fanzines na escola.

Resumidamente, as etapas tiveram essas divisões de tarefas, conforme o quadro sinóptico. É interessante reiterar que, ao término, houve a elaboração de certificados simbólicos aos alunos, cuja ideia partiu de alguns dos próprios discentes, e uma atividade final antes do ato da entrega dos “certificadoszines”, simbolizando a troca de fanzines (que não houve, já que nesta modalidade a copiagem de zines foi desconsiderada devido ao tempo e ao gasto financeiro que o alunado poderia ter que arcar). Naquele último dia da confraternização, após a entrega dos certificados simbólicos, houve uma pequena “festa”, com salgados, bolos e bebidas, bem como uma exposição dos fanzines em

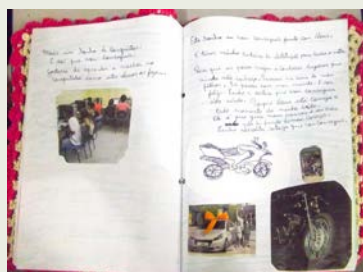
barbantes, simulando varais. Além disso, puderam ser feitas pequenas entrevistas em vídeo com a professora e com os alunos da EJA, para se constatar suas impressões com a proposta teórico-prática a eles aplicada.

5.2 Procedimentos de avaliação

Foram pedidos, aos discentes, relatórios parciais e finais em grupo, contendo apontamentos de resultantes obtidos com o envolvimento da oficina dada aos alunos da EJA (incluindo-se as impressões surgidas de conversas/entrevistas realizadas com eles, durante e ao final do projeto).



FIGURAS 9 E 10 – Fanzine de um dos alunos de EJA (capa e aberto).
Fonte: do autor.



FIGURAS 11, 12 E 13 – Fanzine aberto de outra aluna de EJA, fanzines pendurados na exposição e finalização fraterna no último módulo do Projeto FanzinEJA.
Fonte: do autor.

Resultantes dos alunos da EJA (escola)

Conforme se averiguou, tanto pelos resultados obtidos com os fanzines, como pelas respostas dadas pelos alunos da EJA, houve uma troca de experiências e a percepção de seu próprio processo criativo, que pôde ser experimentada pelos mesmos alunos da EJA. Também, foi compreendida a noção de fraternidade, pois os fanzines, não tendo o caráter de competição e nem visarem lucro, explicitando apenas a troca de ideias e leitura, permitiram que o alunato escolar percebesse essa integração fraterna, tanto deles para com eles mesmos, como para conosco. E, ao que pareceu, os alunos de EJA se interessaram em montar seus fanzines (alguns até os “biografzines”), contando partes de suas vidas, ou seus desejos e afinidades (com o campo, com a costura, com o trabalho, carros etc.), conforme se vê nas FIGURAS 9, 10 E 11. Em alguns dos depoimentos gravados em vídeo no último dia, os alunos de EJA da Escola Dom Othon disseram que voltaram a estudar por vários motivos. Mas, entre os principais, uma aluna narrou que, durante muitos anos, havia esquecido muitas coisas, e o retorno para a EJA tinha esse objetivo, o de rememorar e reaprender a ler. Outro declarou que voltou a estudar porque apenas trabalhar sem estudar não lhe dava muitas condições. Com relação a elaborar um fanzine, esse mesmo aluno afirmou que “o dizer dele”¹⁴ era a “felicidade que eu não sabia”, referindo-se ao processo de criar arte, algo que ele desconhecia possuir – a criatividade.

FIGURAS 14 E 15 – Os 2 fanzines de um dos alunos de EJA. Estes fanzines me foram presenteados pelo autor, ao final da confraternização.
Fonte: do autor.



Algumas resultantes (discentes da UEMG)

Alguns relatos de alunos do 5º período de Pedagogia podem ilustrar melhor o que foi percebido durante a aplicação do projeto. Para isso, citarei os de duas acadêmicas como exemplo:

Aluna A de Pedagogia:

Estive ajudando dois senhores a colocarem um pouco de suas histórias nos fanzines. De início, ficaram meio inseguros, ainda mais por estarem conversando com uma pessoa que nunca tinham visto. Logo após as apresentações, perguntei a eles o que queriam relatar em seus trabalhos. O primeiro senhor disse que queria fazer sobre seu casamento que acabara de ocorrer e foi muito marcante; o outro senhor quis fazer sobre sua residência, mas pouco se abriu comigo, estava muito acanhado. O 1º fanzine, não fizemos somente centrado no casamento em si, mas também em sentimentos que vieram à tona quando se pensou naquele momento. E foi aí que o fanzine tomou o formato de uma igreja. O 2º, estávamos com algumas dúvidas sobre o que relatar, mas depois de conversarmos bastante chegamos a tudo aquilo que o senhor ainda queria alcançar, seus sonhos, objetivos, metas, entre outros.

Aluna B de Pedagogia:

Penso que a elaboração dos fanzines ajudou muito os alunos da EJA não só a se desenvolverem mais como seres criativos, mas na própria alfabetização; pois aqueles que já sabiam escrever se empolgaram e escreveram grandes histórias, contando sobre suas vidas e seus sonhos. O fanzine foi um estímulo à prática da escrita para estes alunos. Aqueles que ainda não estavam alfabetizados se mostraram interessados em tentar escrever alguma coisa, mesmo que seu próprio nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto os acadêmicos aplicavam os conceitos e prática dos fanzines aos alunos de EJA na escola, pudemos observar os contextos e espaços físicos em que uma aula de EJA transcorre. Percebemos,

eu e os alunos do 5º período de Pedagogia da UEMG Campanha, itens como alfabetos, números e gravuras decorando educativamente o ambiente e, também, que numa mesma sala existe uma grande disparidade entre os alunos acerca de sua formação, no sentido do avanço escolar, já que alguns escreviam e liam, enquanto que outros tinham grandes dificuldades de reconhecerem as letras e palavras¹⁵. Nisso tudo, aparentemente, a elaboração dos fanzines ajudou-os, pois seguiam fazendo isso com, imagens e auxílios, para decodificarem letras e sílabas atinentes às fotos e/ou desenhos inseridos nos zines em elaboração. Segundo relatos dos acadêmicos, finalmente tiveram um contato tão diretamente com alunos da EJA (como futuros pedagogos), percebendo suas dificuldades, seus encantamentos e aprendendo muito com eles, pois, através de conversas com tais alunos, perceberam que estes possuem uma bagagem enorme de vida, com muitas experiências e conhecimentos que são capazes de ensinar, enquanto que também conseguiam criar, nos fanzines, históricos de vida com montagens de imagens e palavras.

Os acadêmicos de Pedagogia ainda verificaram que o contato com alunos da EJA em sala de aula e a possibilidade de um trabalho prático promoveram um reconhecimento inusitado da aplicabilidade de aula de EJA. Isto, ao que concluíram, permitiu que os estudantes de EJA pudessem também aprimorar seu aprendizado básico, enquanto trabalhavam seus próprios conceitos de vida.

Há de se apontar que alguns dos alunos da escola passaram a relatar, em seus zines, as suas biografias (como num “biograficzine”), enquanto que outros trouxeram, com desenhos, colagens e alguns escritos básicos, aquilo que de mais importante lhes era na vida, como temas pessoais do campo, da costura etc.

Enfim, uma experiência que requer continuidade e que pode ser ampliada, principalmente, graças à interdisciplinaridade e senso criativo e fraternal que trazem os fanzines.

Referências

ANDRAUS, Gazy. **As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>. Acesso em: 01 ago. 2017.

ANDRAUS, Gazy. **Os FANZINES** (revistas independentes de expressão criativas e artísticas). Apostila autoeditada. S/d.

ANDRAUS, Gazy; SANTOS NETO, Elydio dos. Dos Zines aos BiograficZines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. *In*: MUNIZ, Cellina (org.). **FANZINES – Autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza/CE: Editora UFC, 2010.

BRASIL: Secretaria de Educação fundamental. **Educação de Jovens e Adultos – Parâmetros em Ação**. Brasília: a secretaria, 1999.

É BOM APRENDER: Educação de Jovens e Adultos. Vol. 2. São Paulo: FTD, 2009.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1993.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília/São Paulo: Unesco/Cortez editora, 2000.

SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da (orgs.). **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas**: O trabalho com universos ficcionais e fanzines. São Paulo: Criativo, 2013.

UNIVERSIDADE Luterana do Brasil. **EDUCAÇÃO de Jovens e Adultos**. Vol. II. 2ª ed. S.I.:Ulbra, 2010.

ZAVAM, Aurea Suely. Fanzine: A Plurivalência Paratópica. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. v. 5, n. 1, jul./dez., 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/319/341. Acesso em: 2005.

Filme

PARA O DIA NASCER FELIZ. Direção: João Jardim. Coprodução: Globo Filmes, Tambellini Filmes, Fogo Azul Filmes. 88 min. Brasil, 2006. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I. Acesso em: 10 fev. 2018.

Literatura recomendada

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na Educação**: algumas experiências em sala de aula. João Pessoa: Paraíba, 2013.

Nota de fim

- 1 Doutor em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP (2006). Mestre em Artes pela UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e graduado em Licenciatura Plena em Educação Artística pela FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado (1992). Atualmente, realiza pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV). Foi professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Campanha) no curso de Pedagogia de 2017 a 2018 e professor do curso de Artes da FIG-UNIMESP, de 2005 a 2016 (onde também coordenou e lecionou pós-graduação, bem como Tecnólogo em Design).
- 2 Como na língua inglesa o artigo “the” serve tanto para designação masculina como feminina, e o termo “fanzine” foi criado nos EUA, é interessante notar que algumas pessoas designam a revista no gênero feminino, chamando-a de “a fanzine”, já que na tradução de tal neologismo, fanzine é uma revista (“magazine”). Assim, na língua portuguesa, tanto faz considerar-se “o fanzine” ou “a fanzine”. Porém, por uma questão de hábito, neste texto, usarei a palavra “fanzine” como no gênero masculino, estando o professor livre para usar o gênero que mais lhe aprouver.
- 3 Que, tal qual um fanzineiro dos primórdios, montava seus livros com seus textos mesclados aos desenhos cujas gravuras eram pintadas à mão, uma a uma.
- 4 Defendo aqui uma comemoração que poderá se oficializar no Brasil, tendo essa data do dia 12 de outubro como o Dia Nacional dos Fanzines, em homenagem a Edson Rontani. O movimento se iniciou desde 2012 e já estou dialogando com Edson Rontani Jr. para levarmos um projeto de lei para asseverar a data (inclusive, o fanzine brasileiro comemorou seus 50 anos em 2015).
- 5 Fanzinato é o equivalente da palavra inglesa *fandom*. Existem também os *prozines*, mas este termo é pouco usado, e serve mais para definir os autores de quadrinhos norte-americanos (principalmente) que fazem suas revistas independentes.
- 6 Os blogs atuais permitem essa vazão, pois são uma mescla virtual do que eram os diários pessoais com as qualidades livres dos fanzines, ainda que a maioria sequer saiba disso ao criar um blog (que atualmente está em aparente desuso, dando lugar às redes sociais e YouTube e/ou similares).
- 7 Há até certa semelhança na atitude dos zines com os cordéis, embora os públicos sejam distintos: ao se exporem os fanzines, muitas vezes, instalam-se barbantes e, como cordéis, são expostos. Além disso, o papel mais

simples usado para impressão e os temas variados se assemelham, embora fanzineiro não seja uma profissão, como um cordelista o é.

- 8 Falecido em 2013, foi professor, respectivamente, da Universidade Metodista de São Bernardo do Campo e da Universidade Federal da Paraíba. Criou o conceito e termo dos *biograficzines* para aplicar em didáticas na área de educação, tanto na graduação como na pós, e também apreciava os quadrinhos poéticos brasileiros, sendo até um autor que chegou a publicar suas artes em fanzines, como no Gibiozine.
- 9 O título Gibiozine é uma fusão dos termos Gibi+Biologia+Fanzine, e os primeiros números podem ser baixados no link: <http://www.ufscar.br/fotografia/gibiobanca.php>
- 10 Pesquisadores e autores de HQs e fanzines.
- 11 Que recentemente foi laureado com o prêmio de Melhor Fanzine para seu zine “Peibê” pelo Ângelo Agostini – evento anual que prestigia autores de quadrinhos e fanzines, devido ao Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos, que ocorre todo ano em 30 de janeiro, no Brasil
- 12 Apesar de o projeto ter sido aplicado com os alunos do 5º período de Pedagogia dividido em grupos, na prática, e a partir da terceira aula/módulo, mais que um grupo passou a auxiliar os alunos da EJA quase que individualmente: um ou dois acadêmicos da UEMG auxiliavam cada aluno da EJA, ora se mantendo ao mesmo um ou outro discente de pedagogia, ora trocando com outro.
- 13 Já havia aprontado previamente os materiais com a professora Adriana Reis: papéis, material de desenho e cor, lápis, canetas, borrachas, apontador, tesouras e revistas para recortes, sendo que algumas eu mesmo forneci a partir de doação da biblioteca da UEMG.
- 14 Refere-se à mensagem de um dos dois fanzines que ele fez: um, ele desenhou, e outro se utilizou de colagens. Os temas eram, em um, carro, cores, e o outro era um tema religioso-cristão (FIGURAS 14 E 15).
- 15 Segundo relato da prof^a Adriana Reis, o ideal seria separar as turmas em duas, o que havia sido no início do curso, mas contingências financeiras do estado resultaram em agrupar as turmas numa só sala, pois que, com evasões, havia sido reduzido o número de alunos da EJA.